

Editorial

Licensed under
[CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Por Lucia Santaella¹

Fake news, desinformação e pós-verdade tornaram-se palavras de ordem pelas preocupações que causam e pelos sistemas de alarme que fazem soar em função do fato de que não são meras palavras, mas designações que se reportam aos efeitos nocivos que provocam no comportamento humano e na sociedade como um todo. É enorme a profusão de textos que vêm sendo produzidos a respeito dos riscos desse fenômeno, uma profusão que tende a crescer, na medida mesma em que ainda não foram encontrados antídotos eficazes para se deter a febre da enganação e da mentira cujas consequências interferem em processos decisórios.

Evidentemente, enganar e mentir não são ações novas. Em suas versões nefastas, elas fazem parte do arsenal humano para fazer o mal. Entretanto, essa tendência, antes mais rarefeita, encontra-se agora acionada pelos meios facilitadores que a internet colocou à mão, transformando a disseminação de boatos, falsidades e mentiras em uma verdadeira indústria a que não têm faltado adeptos. “O que fazer?” é uma pergunta que tem perseguido todos aqueles que eticamente prezam o bem comum.

É nesse contexto que o número 23 da TECCOGS busca interferir ao trazer à discussão o mais recente desdobramento das fake news nas formas videográficas das deep-fakes que, justamente devido à sua natureza visual, auxiliada por tecnologias sofisticadas, muito provavelmente prometem trazer mais munição à indústria em curso e causar ainda mais danos do que as fake news.

¹ Lucia Santaella é pesquisadora IA do CNPq, professora titular da PUC-SP. Publicou 51 livros e organizou 24, além da publicação de mais de 400 artigos no Brasil e no exterior. Recebeu os prêmios Jabuti (2002, 2009, 2011 e 2014), o prêmio Sergio Motta (2005) e o prêmio Luiz Beltrão (2010). ORCID: orcid.org/0000-0002-0681-6073. CV Lattes: lattes.cnpq.br/7427854657719431. E-mail: lbraga@pucsp.br.

A entrevista para o número foi concedida por Demi Getschko, professor da PUC-SP e Diretor presidente do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). Levando em conta a grande especialidade do entrevistado nas questões da segurança na internet, as perguntas buscaram suas abalizadas posições acerca dos pontos cruciais em que as legislações, no que concerne especialmente ao funcionamento das redes sociais, não firam a liberdade de expressão. De fato, a dificuldade da questão relativa ao ponto de equilíbrio exato entre a lei e a liberdade encontra-se intensificada nas redes. As posições de Demi Getschko sobre isso são sábias, demonstrando que o conhecimento alimentado pela atuação concreta nesse campo é a via régia para se compreender quais são os caminhos que os dilemas devem seguir para que posições lúcidas preponderem.

O número funciona, portanto, como um sinal de alerta, tocado em várias modulações. No artigo da seção “Dossiê”, delinheiro e apresento a repercussão do tema das deepfakes em publicações selecionadas, de modo a contextualizar a leitura dos artigos deste número.

Começamos a seção “Artigos” com o texto de Souza e Santaella que visa evidenciar o caráter semiótico tanto das fake news quanto das deepfakes. Embora seus efeitos caminhem para um mesmo alvo, ou seja, enganar, as deepfakes têm mais poder de provocar credulidade, devido à restrição perceptiva que o ser humano tem de duvidar daquilo que vê.

Assinado por Prado, o artigo sobre deepfake de áudio explora os recursos de técnicas de Inteligência Artificial (IA) e o elenco de ferramentas para fabricar esse tipo de deepfake, de modo a levantar os efeitos produzidos por sua disseminação descontrolada como uma afronta à ética da informação. Botelho e Nöth também chamam atenção para as técnicas de IA que protagonizam a produção de deepfake, apontando para a necessidade de formação educacional como um tipo de freio capaz de estancar a enxurrada dos enganos.

As modulações de Fabio de Paula e Hessel soam em uma outra direção, a saber, a dos aspectos criativos que também existem quando o potencial das deepfakes são desviados para a sua exploração no mundo da cultura e do entretenimento, sobretudo quando a própria criação em diferentes formatos faz um uso planejado dessa tecnologia para fins de viés afirmativo como a criação de novas linguagens e obras.

Tanto Salgado e Santaella quanto Fanaya conduzem a discussão das deepfakes para um contexto mais amplo. No primeiro caso, o contexto é aquele da crise de confiança na sociedade a qual é nitidamente impulsio-

nada pelas deepfakes assim como também o é paradoxalmente, em parte, por avanços como o *blockchain*. Para Fanaya, a guerra da desinformação será intensificada pelas deepfakes. Elas tornaram essa guerra mais complexa e perigosa, na medida em que aquilo que ainda restava de réstea de dúvida nas fake news, tenderá a se dissipar, colapsando qualquer distinção entre verdadeiro e falso ou real e fictício. Contextualizando as deepfakes no problema da realidade sintetizada/simulada, o artigo as relaciona com o problema da verdade. Por fim, o artigo de Coelho e Hildebrand busca compreender como as estratégias discursivas são produzidas nas deepfakes, realizando, para isso, uma análise do percurso gerativo de sentido tripartido nos níveis narrativo, discursivo e fundamental.

A seção “Extra dossiê” apresenta “How can we change habits?”, o terceiro da série de quatro diálogos sobre semiótica cognitiva entre Vincent Colapietro e Winfried Nöth. No texto, eles comentam a natureza lógica da geração e mudança de hábitos, explorando algumas de suas múltiplas causas e efeitos nos contextos sociais e midiáticos contemporâneos.

Na seção “Resenhas”, Kaufman aborda “Ethics of Artificial Intelligence”, coletânea de artigos inéditos organizada por Matthew Liao em 2020. Os textos, em sua multiplicidade, versam sobre a construção da ética na e por meio da IA no presente e em futuros próximos e distantes.

Ao fim e ao cabo, não obstante a crise de confiança e as distorções que a disseminação da mentira tem provocado na sociedade, continuamos a acreditar que um dos antídotos possíveis contra esse tipo de insanidade encontra-se no respeito pela informação responsável e no dever ético de difundi-la em prol do conhecimento que, cedo ou tarde, é aquele que ocupará a posição de vencedor. Este número da revista TECCOGS está alimentado por esses princípios.